**AVALIAÇÃO FINAL - ESTÉTICA II**

**A partir da discussão realizada durante o semestre e em especial a constatação do esgotamento do conceito moderno de arte e de suas promessas, faça uma discussão sobre os paradoxos ou novas formas de se pensar a relação arte e política na contemporaneidade.**

O movimento moderno surgiu a partir da vontade de romper com o tradicionalismo e com os paradigmas sobre como fazer arte existente na época, já que acreditava-se que era necessário reconfigurar o que se entendia por arte, rompendo com as determinações de belas artes, segundo Weber uma das características principais do processo de modernização do ocidente foi o processo de desencantamento do mundo, como por exemplo a religião não conseguindo mais explicar o mundo através da vontade divina e sim, de resultado das forças da própria natureza, tornando assim a modernidade como esse processo de esclarecimento do mundo.

Dessa forma, a produção artística moderna se permitiu pensar por outros fatores como: o sublime, o feio, o horror, como também passou a ser mais consciente política e socialmente, tensionando o entendimento das pessoas em relação a essas questões, servindo como um processo de esclarecimento do mundo, desprendendo-se das tutelas das instituições e criando autonomia, em que as formas artísticas refletiam os ideais dos seus criadores, passando a ser produzida atendendendo questões internas, desenvolvimento de linguagens e deixando assim de mimetizar a natureza.

A partir da década de 50, após a segunda guerra, tem-se a necessidade da reconstrução dos países que entraram em conflito e coloca questões sociais específicas, dando resposta à sociedade que deu a vida em prol dessa causa, atendendo às demandas sociais. Estado de bem estar social, políticas de reconstrução e possibilidade de pôr em prática uma série de argumentos que legitimavam as construções modernas. E assim, o que era um arte de oposição e resistência, passou a ser absorvido e se tornou uma arte consolidada oficial, perdendo o caráter radical, sendo incorporada pelo sistema.

Entre os anos 70 e 80 passou a existir a contracultura, que se contrapôs não mais a arte tradicional mas sim as formas canônicas do modernismo, a perda do caráter transgressor do modernismo, surgindo o pós-modernismo e junto a isso, a busca incessante por novas formas de se fazer a arte, porém, por mais que as causas mudaram, a arte se manteve moderna, se estendendo até a contemporaneidade, na qual vê-se novamente afirmações generalizadas em resposta às formas de dominação econômica, estatal e ideológica.

“a vontade de repolitizar a arte manifesta-se assim em estratégias e práticas muito diversas. Essa diversidade não traduz apenas a variedade dos meios escolhidos para atingir o mesmo fim. Reflete uma incerteza mais fundamental sobre o fim em vista e sobre a própria configuração do terreno, sobre o que é política e sobre o que a arte faz. Contudo, essas artes divergentes tem um ponto em comum: geralmente consideram ponto pacifico certo modelo de eficácia: a arte é considerada política porque mostra os estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou porque sai de seus lugares próprios para transformar-se em prática social etc.” (Ranciere, 2012, p.78)

Tais criações artísticas pressupõem que suas intervenções assumem caráter politizado pelo simples fato delas nos revelarem fatos sociais relevantes que eventualmente estariam encobertos ao olhar desatento do espectador, ou então, porque transportam a arte do seu lugar tradicional para o espaço público cotidiano de um cidadão. Ou seja, na contemporaneidade perdeu-se praticamente a validade política ou moral da mensagem transmitida, e o que se torna o foco de validação são os dispositivos (meios estratégicos que conseguem acionar outros sentimentos sem ser a razão) usados para sua transmissão e como esses dispositivos falam para aquelas pessoas.

Se tornou cada vez mais difícil em saber se algo é ou não é arte por conta disso, já que, segundo Luiz Camilo Osório, tornar-se arte é uma virtualidade inerente ao modo pelo qual certa experiência, sob certas condições, mobiliza o espectador a produzir associações inesperadas na percepção que façam algum sentido na configuração deste vir a ser arte.

Em meio isso, surgem no campo da arte política, movimentos voltados a práticas sociais, como feminismo que dedica a sua luta pela igualdade de gênero em diversos aspectos visando combater o modelo social baseado no patriarcado e a violência e abusos contra as mulheres; também o movimento antirracista que busca combater o odio, o racismo sistemico e a opressão estrutural; além desses temos o movimento LGBTQIAP+ que também busca a igualdade social e o movimento antifacista que constitui de praticas cívicas e ativistas que se opõe ao facismo e qualquer tipo de ideologia de supremacia ou de xenofobia, entre outros.

“A partir daí, é possível enunciar o paradoxo da relação entre a arte e a política têm a ver um com a outra como formas de dissenso, operações de reconfiguração da experiência comum do sensível. Há uma estética da política no sentido de que os atos de subjetivação política redefinem o que é visível, o que se pode dizer dele e que sujeitos são capazes de fazê-los. Há uma política da estética no sentido de que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam capacidades novas, em ruptura com a antiga configuração do possível. Há, assim, uma política da arte como recorte singular dos objetos da experiência comum, que funciona por si mesma, independentemente dos desejos que os artistas possam ter de servir esta ou aquela causa.” (Ranciere, 2012, p.63)

A arte política pode ser entendida como uma esfera de autoconhecimento sobre a autonomia da arte enquanto produção cultural, na modernidade, principalmente, pois é nesse período em que há um ampliação do conceito estético e a negação da produção academicista surgindo novas formas de fazer Arte que é considerando também além da técnica questões sociais, o processo criativo livre, acesso da arte pela massa, tal como foram proposto pelo vanguardistas. Dessa forma a relação entre arte e política não é apenas estabelecida historicamente como uma forma de romper com a academia mas é principalmente, uma forma de aproximar a produção cultural da sociedade, servindo como um veículo de comunicação entre as classes sociais.

 Enquanto a arte se desvinculou das instituições na modernidade, houve também a apreensão da arte quanto ao seu valor mercadológico, isto é, a burguesia podia afirmar seu status quo a partir do que consumia enquanto arte, que era justamente o que a academia determinava como obras de arte. No entanto, ao longo da conquista da arte política no meio social nota-se também o aumento do prestígio acadêmico a essas produções artísticas e como passam a ganhar maior valor mercadológico e portanto são absorvidas pelo capitalismo, extraindo por vezes a sua essência enquanto obra política. Ou seja, produções que serviam como denúncia popular sobre guerras e aflições de outras classes sociais, não são recortadas hoje em dia pelas suas forças políticas, mas sim pela notoriedade da peça e do artista.

Como por exemplo da obra de Guernica, de Pablo Picasso, que utiliza desse quadro para denunciar a extrema violência da Guerra Civil Espanhola, causando grande comoção, e hoje em dia a obra ainda causa experiências quanto aflição da cena, mas sua beleza e importância para a arte suaviza a situação histórica e garante grande prestígio e valor a obra e ao artista, portanto estima-se que o quadro valha por volta 100 milhões de dólares.

Nesse sentido, observamos atualmente uma larga apropriação do capitalismo na arte, controlando o que é consumido, quem tem acesso, e como pode ser esse acesso, além de utilizar de lutas políticas e sociais para seu benefício. Como por exemplo, a ação social e artística promovida pela marca Hershey’s em que foram contratadas mulheres artistas independentes para criar obras que estampariam barras de chocolate como forma de divulgar que a marca é feminista, no entanto, do ponto de vista do movimento essa ação não passa apenas de um apoderamento da luta social para consumo de um produto por pessoas menos engajadas, alem de colocar a marca amigável para minorias. Com esse pequeno exemplo podemos entender que a marca não estava de fato incentivando artistas independente, não estava trabalhando em prol da emancipação feminina e nem mesmo buscava apresentar o feminismo a quem entrava em contato com a barra, mas utilizava do discurso e de força de trabalho feminina para autopromoção.

Isso não ocorre somente com o movimento feminista mas também com outros movimentos sociais de minorias, em especial, com o Movimento LGBTQIAP+ que sempre é utilizado pelas marcas para mostrar inclusão, mas apenas durante meses de visibilidades das bandeira. Ou seja, o capitalismo não abraça as causas pela apreensão da sua importância, mas sim pelo retorno financeiro que as campanhas destinadas a esses públicos geram.

Um segundo fator que podemos observar da relação entre arte e capitalismo é o reconhecimento de utensílios produzidos artesanalmente por povos originários como arte em que esses objetos passam a ser consumidos pelas instituições artísticas e ganham valor no mercado, podendo utilizar de discursos sobre a valorização da cultura desses povos. Entretanto, até que ponto é de fato um enaltecimento a existência dessas comunidades, é promover o contato com a cultura originária do país ? Ou será apenas mais uma forma que o capitalismo encontrou para angariar fundos para a sua manutenção?

De qualquer forma todas essas questões se baseiam sim em como o capitalismo influi ativamente na determinação do que é arte hoje em dia, e o que será consumido, e como será acessado, diferenciando inclusive a arte da indústria cultural, o qual se busca a reprodução intensa de algumas artes para que o consumo dessas produções cheguem em diversas massas, controlando o consumo e transformando em produções culturais e não artísticas. Como vemos com o funk que é um estilo de música e de vida brasileira, que produz ativamente arte para o país, e por conta da industrial cultural é banalizado enquanto arte, mas para o "mainstreaming" ele é amplamente consumido e difundido por todo o mundo.

Dessa forma, podemos também discutir a relação entre arte mercantil e arte política, e como esses dois tipos de artes coexistem no momento atual, e se tornam muito identificáveis, em especial as artes “produzidas em série” como no caso das obras de Romero Britto, as quais foram banalizadas e perderam seu valor institucional pela quantidade de produtos licenciados que foram reproduzidos em larga escala, simplesmente para se alinhar ao processo de produção capitalista, extinguindo a propriedade intelectual e artesanal de uma obra de arte. Ou seja, a produção de arte dele passa a ser entendida como produção cultural e é difundida a grandes massas como um estilo de arte, e não como um reconhecimento do artista pela sua obra, como ocorre em obras que são institucionalmente consideradas obras de arte.

Em contrapartida a arte política, não está buscando uma representação em série, e difusão em larga escala no mercado, mas está sim resgatar a sensibilidade do observador sobre as questões retratadas, em trazer a tona pautas que precisam ser conhecidas e comentadas um exemplo recente de arte política que vivenciamos são as produções de grafite do Banksy que ganharam notoriedade pelo mundo justamente por seu caráter único e ativista, em que o artista critica fortemente as guerras que acontecem, a desigualdade social, a violência pelo mundo e criminalização da arte de rua.

E é dessa madeira, que podemos ver como a arte política deve ser utilizada como um ato contra o sistema, e deve ser vista e entendida como uma denúncia, uma forma de sensibilizar o observador, não deixando que ocorra a banalização da arte.

Ainda assim, o capitalismo pode ser utilizado como meio para conectar essas artes até diversos públicos, e assumir a necessidade de fortalecer essas minorias colocando-as no mesmo patamar do que é considerado arte pela elite intelectual, e assim promover que novos diálogos sejam realizados, e outros pontos de vistas sejam escutados com o mesmo respeito que grandes obras de arte possuem.

Para concluir as análises quanto aos paradoxos das artes contemporâneas entendemos que a arte e a política tem caminhado por vezes em conjunto, trazendo à tona questões sociais que devem ser discutidas e ganhar o acesso a cada vez mais pessoas. Além disso é sumário entender a pluralidade da arte hoje em dia, e ver como ainda as questões da modernidade se mostram presentes, ainda que em outro contexto apresentado, isto é, o artista ainda deve se manter como a principal propriedade intelectual da obra e tem sua liberdade criativa garantida.

É importante destacar por fim, como o acesso a arte mudou muito na contemporaneidade, entrando em contato amplamente com as massas sociais divulgando por meio de veículos capitalistas, novas narrativas que obrigaram as elites intelectuais a considerarem a arte e história da minoria com relevância, abrindo seus espaços e acolhendo esse acervo. Por conseguinte, a arte e política na contemporaneidade estão atadas em grande parte das produções artísticas e culturais, e com elas transmitem a voz de minoria, utilizando o sistema como amplificador e não relativizador das dores e aflições de cada um.

Referências Bibliográficas

D’ANGELO, M. Paradoxos e desafios da arte contemporânea. REVISTA POIÉSIS, v. 10, n. 13, p. 121-134, 31 ago. 2009.

FAVARETTO, C. – Arte contemporânea – opacidade e indeterminação. Rapsodia. São Paulo:FFLCH <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/106650/105267>.

GUERON, R. . Arte e Política: Estudos de Jacques Rancière. Aisthe (Online) , v. 6, p. 34-46, 2012.

OSORIO, Luiz Camillo. “Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política”. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 14, n° 27 (jul-dez/2020), p. 71-91.

RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível. São Paulo: Editora 34, 2009.

VILAS BOAS, Alexandre Gomes. Artivismo: Arte + Política + Ativismo: sistemas híbridos em ação. 2015. 311 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes., 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/128178>>.